

# UMA ANÁLISE DA REDUÇÃO AO ABSURDO NO *HÍPIAS MENOR* DE PLATÃO

Denise Carla de Deus (PIBIC/CNPq – FUNREI)

Orientadora: Prof. Dra. Marilúze Ferreira Andrade e Silva

**Resumo:** No diálogo platônico “Hípias Menor”, Sócrates e o sofista Hípias de Élide colocam como tema da discussão o caráter de Ulisses e Aquiles, personagens dos poemas de Homero. Essa discussão inicial tem a finalidade de demonstrar a tese socrática de que o mal não pode ser praticado senão involuntariamente. A demonstração da tese defendida por Sócrates é feita de modo indireto no decorrer do diálogo. A argumentação, na defesa da tese, é conduzida de modo com o objetivo de que a conclusão caia no absurdo. O presente trabalho tem como objetivo analisar o modo através do qual essa redução se processa, buscando analisar trechos do diálogo onde a argumentação acontece.

**Palavras-chave:** Argumentação. Redução ao Absurdo. Tese Socrática.



**Abstract:** In the platonic dialogue "Hípias Menor", Sócrates and the quibbler Hípias of Élide place as theme of the discussion the character of Ulisses to Achilles, characters of the poems of Homero. That initial discussion has the purpose of demonstrating the thesis socratical that the badly cannot be practiced except involuntarily. The demonstration of the protected thesis for Sócrates is made in an indirect way in elapsing of the dialogue. The argument, in the defense of the thesis, it is led with the objective that the conclusion falls in the absurdity. The present work has as objective analyzes the way through which that reduction is processed, looking for to analyze spaces of the dialogue where the argument happens.

**Word-key:** Argument. Reduction to the Absurdity. Thesis Socratical.

## Introdução



No diálogo intitulado *Hípias Menor*, Sócrates e o famoso sofista Hípias de Élide discutem o caráter de Ulisses e Aquiles, personagens dos poemas de Homero. A finalidade dessa discussão está, contudo, em demonstrar a tese socrática de que o mal não pode ser cometido voluntariamente. Essa demonstração é feita de modo indireto durante o diálogo. Para tal, Sócrates utilizará como instrumento a redução ao absurdo.

O objetivo do presente trabalho é analisar o modo através do qual essa demonstração se processa. após

uma breve demonstração da linha de raciocínio conduzida por Sócrates, analisaremos de que modo a conclusão chega ao absurdo e contradiz a tese socrática. Buscaremos, também, investigar se a intenção inicial de Sócrates de estabelecer sua tese como verdadeira, se efetiva na argumentação.

### 1. A Argumentação e a Redução ao Absurdo

O diálogo platônico *Hípias Menor* é protagonizado por Sócrates e o famoso sofista Hípias de Élide. No diá-

logo há um prólogo onde Hípias propõe a discussão sobre o caráter de Ulisses e Aquiles, personagens dos poemas de Homero. Essa discussão inicial serve, para conduzir o diálogo à sua finalidade maior de demonstrar a tese socrática de que ninguém comete o mal voluntariamente. Sócrates demonstra sua tese de forma indireta durante o diálogo, para isso recorre ao método da redução ao absurdo.

Aquiles é colocado, por Hípias e também por Homero, como a encarnação do homem sincero, incapaz de enganar voluntariamente a alguém. Ulisses, ao contrário, é intrigante, um homem que sabe mentir com um fim determinado. Sócrates parte dessa distinção utilizando-a como base de sua argumentação.

A primeira premissa a ser apresentada por Sócrates apresenta-se da seguinte maneira: para mentir o indivíduo deve possuir a capacidade de enganar. Ele coloca isso no intuito de demonstrar que aquele que mente com conhecimento de causa é mais instruído e mais capaz do que aquele que mente sem querer ou saber. Observa-se no seguinte trecho do diálogo:

**Sócrates:** - Por mentiroso entendes os indivíduos incapazes de fazer alguma coisa (..) , ou ao invés disso , os que são incapazes de fazer algo?

**Hípias:** - Os capazes, penso, e até de muitas coisas mesmo, principalmente de enganar os outros.

**Sócrates:** - Pelo que parece, ao que disseste, eles são a um tempo capazes e astuciosos. (...) E serão astuciosos e enganadores em virtude de simplicidade muito própria e curteza de espírito, ou, pelo contrário, por

astúcia e certa espécie de inteligência?

**Hípias:** - Por astúcia e inteligência, sem dúvida

**Sócrates:** - donde se conclui, então, que são inteligentes. (..) Sendo inteligentes, sabem ou não sabem o que fazem?

**Hípias:** - Sabem-no muito bem; por isso mesmo, fazem mal aos outros.

**Sócrates:** - E sabendo o que fazem são ignorantes ou sábios?

**Hípias:** - Sábios, decerto, nisso, justamente, em enganar os outros. (Platão, *Hípias menor*, 365 d-e. p.168)

Neste trecho, fica estabelecido que os indivíduos que mentem são capazes de enganar. A capacidade de enganar é chamada astúcia e é produto da inteligência. Um indivíduo inteligente sabe o que faz, portanto, é sábio.

Baseando-se na distinção estabelecida por Hípias, o indivíduo mentiroso é oposto ao indivíduo veraz. Se por um lado o mentiroso é capaz, inteligente e sábio, por outro lado, o indivíduo incapaz e ignorante não poderá mentir, logo, será veraz: "Para resumirmos numa só palavra: o indivíduo ignorante e incapaz de mentir não poderá ser mentiroso"(p.169). Fica , então colocada a seguinte distinção: o mentiroso é capaz e inteligente e o veraz é incapaz de mentir e ignorante.

Estabelecida essa primeira premissa, Sócrates parte para a segunda. O objetivo é estabelecer que o mais instruído e mais capaz é superior ao ignorante em todos os aspectos. De modo que o mais capaz para fazer o bem é também o mais capaz para fazer o mal.

Primeiro, Sócrates estabelece que capaz é aquele que pode fazer o que quiser, segundo sua vontade. Ele diz: "Capaz é quem faz o que quer e quando quer (...). como quando digo que é capaz de escrever meu nome quantas vezes entenderes". (Platão, *Hípias Menor*, 366-c.)

Para confirmar esse argumento, Sócrates toma como exemplo a habilidade em aritmética de Hípias. Seu conhecimento nessa matéria permite que ele possa mentir ou dizer a verdade em relação a ela segundo sua vontade. Ao contrário, o ignorante não pode mentir ou dizer a verdade segundo sua vontade, ele apenas o faz por ignorância. Sócrates argumenta: "Se alguém te perguntasse quanto é três vezes setecentos, não mentiras mais facilmente, se quiseses mentir? (...) Ou dar-se-ia o caso de muitas vezes, querendo mentir o ignorante, acertar involuntariamente com a verdade, justamente por ser ignorante, ao passo que tu, por seres sábio, se quiseses, mentiras sempre bem?" (Platão, *Hípias Menor*, 367-a p.169)

Assim, conclui que o indivíduo mais capaz de mentir ou dizer a verdade segundo sua vontade, é instruído e sábio. No mesmo sentido, "o ignorante é destituído dessa capacidade"(367d)

Ora, estabelecido ser o sábio que age voluntariamente, superior ao ignorante que age involuntariamente (Sócrates o faz após analisar vários exemplos como os órgãos dos sentidos, instrumentos musicais dentre outros (em 374 a- 375c)), logo se conclui que o indivíduo capaz de mentir voluntariamente é superior ao indivíduo que o faz sem querer ou

saber – o ignorante. A argumentação leva à concluir, então, que o que mente e, por extensão pratica o mal com conhecimento de causa e por sua vontade é superior ao indivíduo que o faz involuntariamente. Como afirma neste trecho do diálogo "O que eu acho é que os que causam mal aos outros, ou cometem injustiça, mentem ou enganam de caso pensado, não voluntariamente, são melhores do que os que fazem sem querer". (Platão, *Hípias Menor*, 372-e. p.176)

Sócrates desenvolve seu raciocínio centrado em exemplos concretos para argumentar a mentira e, por extensão, sobre o mal. O raciocínio que ele desenvolve pode ser resumido da seguinte maneira: É mais hábil aquele que pode mentir voluntariamente, pois isso só é possível para o mais instruído. Ao contrário, o que mente involuntariamente, o faz por desconhecimento ou ignorância. Ora, o mais instruído é, em tudo, superior ao ignorante. Logo, o que mente voluntariamente é melhor do que o indivíduo que pratica o mal involuntariamente.

## 2. A Tese Socrática

Conduzida para um plano geral, a conclusão a se reduzir a argumentação, implica numa subversão da consciência moral socrática. Para admiti-la, seria necessário admitir a existência de alguém capaz de praticar o mal por sua própria vontade.

Segundo o pensamento de Sócrates, ninguém deseja o mal pelo mal. Suposta a proposição de que o mal é algo nocivo a quem o pratica, pelas conseqüências posteriores que acarretam. Além disso, em Sócrates o

bem implica no que é útil e por conseguinte, uma condição de felicidade. Isso determina que nenhum indivíduo poderia desejar prejudicar a si mesmo, buscando algo que não se faz útil à sua felicidade.

Desse modo, ninguém poderia praticar o mal com conhecimento e por vontade própria: “Ninguém que saiba ou creia que haja cousas melhores do que as que faz, e que sejam possíveis para ele, continua a fazer estas últimas, tendo possibilidade de cousas melhores; e deixar-se vencer por si próprio não pode ser senão por ignorância”. (Platão, *Protágoras*, 358; *apud Mondolfo*)

É neste sentido, portanto, que admitir o contrário, isto é, admitir que a existência de alguém que pratique o mal com conhecimento e vontade própria, constitui um absurdo.

Sócrates demonstra isso indiretamente durante o diálogo. A prática voluntária do mal não pode ser admitida na prática. Ele conduz o raciocínio argumentativo para que a conclusão se reduza ao absurdo. Utiliza isso como instrumento para convencer o interlocutor que sua tese deve ser admitida como verdadeira.

É assim que sua intenção inicial de demonstrar que o mal não pode ser praticado voluntariamente se efetiva. De fato, o interlocutor Hípias é convencido de que a conclusão que se chega partindo de sua primeira afirmação é absurda. Isso pode ser ob-

servado quando Hípias afirma: “Seria absurdo, Sócrates, considerarmos melhor quem cometesse uma injustiça do que quem fizesse sem querer”. (Platão, *Hípias Menor*, 375-d p. 181). Concluindo desse modo, Hípias aceita a tese de Sócrates. Não pode existir alguém que procura a prática do mal voluntariamente.

## Conclusão

A prioridade de Platão ao relatar o diálogo é demonstrar e admitir a tese socrática relativa ao mal. Admitindo o pensamento de Sócrates como absolutamente verdadeiro, Platão pretende demonstrar que ninguém pode fazer o mal voluntariamente.

Essa demonstração poderia ser feita através de prova fundamentadas diretamente na psicologia, utilizando o argumento de que o mal é sempre nocivo a quem o comete. Mas, o autor preferiu utilizar provas de argumentação indiretas através da redução ao absurdo.

A redução ao absurdo consiste em levar o interlocutor a uma conclusão absurda para convencê-lo a admitir uma determinada tese. Ao se admitir a concepção do mal cometido conscientemente, chega-se pela lógica a conclusões absurdas. É utilizando-se dessas conclusões que Sócrates obtém sucesso na defesa de sua tese. Hípias é, então convencido de que o mal não pode ser praticado voluntariamente.

## Referências Bibliográficas

MONDOLFO. *O Pensamento Antigo: História da Filosofia Greco-Romana*. Trad. Lycurgo Gomes da Motta. São Paulo: Mestre Jou, 1971.

NUNES, Carlos Alberto. *Marginalia Platônica*. Belém: Universidade Federal Pará: Coleção Amazônica, 1973

PLATÃO. *Diálogos*. Vol. III – IV. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará: Coleção Amazônica, 1980

\_\_\_\_\_. *Diálogos*. Vol. XI. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará: Coleção Amazônica, 1986.